

Era domingo, vestiu Wallyson sua melhor roupa, bem lavada e bem passada por sua mãe, a D. Alzira. A calça jeans não estava em suas melhores condições. Apresentava um aspecto bem puído. Tinha um azul completamente desbotado, com um aspecto surrado demasiado estranho na altura da parte frontal das coxas e manchas de não se sabe o quê, meio amareladas nos bolsos traseiros. Contudo, estava totalmente *clean* e muito bem estirada. Não se via qualquer sinal de amarrotamento. O tênis não apresentava o mesmo aspecto limpo das calças, pois era obrigação de Wallyson lavá-los periodicamente. Naturalmente, nunca executava esta tarefa no tempo e nos momentos apropriados. Embora não fosse completamente precária a situação do tênis, devido o acúmulo de poeira e encardidos dos longos meses de uso, o aspecto geral não era um dos mais apresentáveis. A Camiseta, vermelha e branca com uns desenhos abstratos à altura do abdômen, tal como a calça jeans, era bem passada e limpa, tinha aspecto mais novo e não estava ainda puída pelo tempo.

Contudo, o que mais impressionava Wallyson naquele dia, em que iria ao Templo, era seu boné. Novo, completamente novo. Ele havia ganhado aquele boné de seu pai, que a duras penas parcelou no cartão de crédito em 4 vezes sem juros numa loja especializada em roupas para jovens. O boné era maravilhoso. Brilhava os olhos do jovem. Ele havia recebido o presente de seu pai há pelo menos duas semanas e só havia usado o boné uma vez, pois, segundo ele: “só vou usar este boné nos momentos importantes. Não vou gastá-lo em qualquer lugar”. O boné era multicolor, mas predominando variações de tons de azul. Havia na parte frontal do mesmo o nome da marca, que Wallyson gostava de “zoar” seus amigos, dizendo que somente ele tinha



aquele boné, daquela marca, ao passo que os demais só tinham bonés que eram comprados na feira-livre que acontecia todos os domingos no bairro.

Wallyson vestiu, então, sua farda. Calça jeans surrada; camiseta das cores vermelha e branca; tênis mais ou menos puído. E o boné! Ah, o boné era maravilhoso!! A aba reta dava-lhe uma importância de marechal. Um bóton pendurado do lado direito do boné, cromado, brilhava a qualquer luz que nele se refletisse. Calça, camiseta, tênis, boné. Estava pronto para ir ao Templo. Pediu uma ninharia à sua mãe para que pudesse pagar o ônibus, saiu de casa, postou-se no ponto de ônibus, esperou uns 40 minutos.

Enfim, veio aquela máquina trepidante, levantando uma poeira insuportável atrás de si. Quando o ônibus parou, a poeira que se levantava à sua traseira veio de um vulto violento cobrindo de um vermelho áspero todos que o aguardavam. Wallyson xingou em pensamento: “Caralho!! Que poeira f...”, parou o pensamento na metade, pois um homem alto, com aspecto rústico o empurrou violentamente para subir primeiro no ônibus. Passado este momento, dentro do ônibus, só imaginava o momento da chegada ao Templo. Todos iriam ver seu boné (quanto à calça, ao tênis e à camiseta, ele nem se lembrava).

A viagem foi longa, cheia de curvas. Desceu no primeiro terminal de ônibus, esperou mais uns 20 minutos e o ônibus enfim apareceu. Continuou a viagem, agora já passando por paisagens mais bonitas, cheias de árvores e prédios bonitos. Desceu no segundo terminal, correu para entrar no ônibus que já estava se preparando para sair. Mais uns 30 minutos de viagem e pronto, chegaria ao Templo. Após duas horas e trinta minutos desde que saíra de casa, estava ele, Wallyson, sozinho, em frente ao grande Templo.

Não era a primeira vez que ia lá, mas era a primeira vez que ia sozinho. Do alto de seus 14 anos de idade, seus pais nunca o tinham ainda deixado que fosse ao Templo sozinho. Estava bastante eufórico por ter conseguido a confiança de seus pais. Já se sentia um homem completo. Sabia, evidentemente, de suas limitações: era obrigado a ir à escola todos os dias, tinha de pedir a benção aos pais, tios e avós, não



tinha emprego, não tinha salário... Contudo, era um grande passo. Já podia sair de casa sozinho, andar de ônibus sozinho, ir ao Templo sozinho.

Embora tivesse pouca idade, o corpo de Wallyson era bem desenvolvido. Tinha em torno de um metro e setenta e três de altura, pesava cerca de 65 quilos e tinha naturalmente um corpo atleticamente conformado, aquilo que os halterofilistas denominam corpo mesomorfo. Era um lindo espécime de *homo sapiens*. Cabelo aparado rente ao coro cabeludo, embora não fosse a cabeça raspada. Pele da cor de um chocolate no qual se acresce uma grande quantidade de leite, temperando ali o branco do leite e o amarronzado do chocolate. A cor dos olhos contrastava completamente com o conjunto da obra, era de um azul vivo, lembrando bem o céu naqueles dias ensolarados.

Tirou o celular do bolso, conferiu as horas: 13:35. Pensou consigo mesmo: “tenho que voltar lá pelas seis horas da tarde. Ainda tenho muito tempo”. Olhou para a entrada principal do Templo. Sentiu uma queimadura que se iniciava no estômago e se expandia para todo o corpo, fazendo a face do rosto formigar. Teve a sensação de que seu rosto enrubescera.

Deu alguns passos e antes de atravessar o alambrado que dava acesso ao estacionamento do templo, avistou um velho sentado num banco de madeira ao lado de um carrinho de picolé. Como o dia estava demasiado quente, foi em direção ao velho, perguntou o preço dos picolés. Comprou um sabor de limão. Embora estivesse exageradamente doce, gostou daquele suco de limão congelado atarraxado num palito de madeira. Lambuzou os dedos, que ficaram com um aspecto grudento. Pensou: “quando entrar, lavo-os no primeiro banheiro que encontrar”.

Despediu-se do velhote, que fumava um cigarro fedorento. Caminhou em direção ao Templo. Cruzou o alambrado por entre um portal e acessou o estacionamento. Caminhando devagar, foi observando todo o conjunto de cores, o padrão da construção que dava um aspecto de monumentalidade grandiosa. Extremamente alto, multicolor, expressando uma arquitetura ultramoderna, com vidraças enormes, elevadores de vidro que sobem e descem e os quais podem ser



avistados de fora da construção conformavam aquela paisagem que impressionava Wallyson profundamente.

O sol abrasava intensamente. O asfalto do estacionamento estava demasiado quente. As poucas árvores do estacionamento pareciam sofrer diante do sol implacável e do calor liberado debaixo para cima pelo asfalto. Wallyson caminhou mais rapidamente para fugir daquela sensação de calor desconfortável. Suou tanto a cabeça que uma pequena mancha-molhada apareceu no boné, na parte frontal, logo acima da aba. Ficou irritado com a mancha, mas continuou sua caminhada. Quando se aproximou da porta de vidro, que lhe daria acesso ao interior do Templo, como um passe de mágica a porta se abriu assim que pisou no tapete que se estendia por toda a extensão das portas, cumprindo um espaço de mais ou menos quatro metros de comprimento por um de largura.

Assim que as portas se abriram diante de sua chegada, sentiu uma baforada gelada que veio de dentro do Templo expelindo para fora o ar resfriado pelo sistema de condicionamento de ar. Assim que adentrou ao Templo, viu-se diante daquela multidão que caminhava para lá e para cá sem ter aparentemente nenhum motivo para estar andando. Uma família composta por um homem, uma mulher e uma menininha de mais ou menos quatro anos de idade vinham distraidamente olhando para uma e outra vitrine. Paravam aqui, olhavam um produto, comentavam alguma coisa, continuavam em frente, paravam na vitrine seguinte... A criancinha corria mais ou menos solta para um e outro lado, sempre sob o olhar atento do pai.

Wallyson estava parado diante da vitrine de uma loja de roupas, quando a família feliz se deparou com ele. O homem, com uma roupa finamente bem aconchegada em seu corpo e a mulher deslumbrante de tão bonita pegaram a filhinha rapidamente e saíram resmungando algo um para o outro. Wallyson não ouviu tudo o que diziam, mas pode, por infelicidade sua, ouvir as últimas palavras da mulher direcionada ao marido:

— ... mas nem aqui parecemos ter mais tranquilidade...



O casal bonito e feliz se distanciou carregando a pequena inocente no colo. Wallyson compreendeu imediatamente aquele ato. Ficou meio irritado, mas riu dentro de si mesmo um riso amargo e continuou a observar uma linda calça jeans que estava vestida num manequim.

Parado diante da vitrine, olhando as luzes que davam aos produtos um aspecto quase divino, metafísico, Wallyson parecia estar em êxtase. A brancura das paredes da loja, o cheiro de perfume de coisas novas, o excesso de brilho em tudo dava àquele ambiente uma harmonia de catedral. Era quase uma experiência religiosa. O burburinho de pessoas educadas conversando ao longe soava como mantras. O cheiro de uma loja de perfumes ao lado atuava como incenso que inebriava a todos. As vidraças das vitrines refletiam as luzes que pareciam vir de todos os lados, dando um tom labiríntico a todo o ambiente. Uma voz soava suavemente no sistema de som do Templo, dando a impressão de notas musicais divinas descendo do céu e inundando o espírito de Wallyson.

O tênis que observava era maravilhoso. Tinha-o visto na televisão. As cores ao vivo o tornavam muito mais impressionante. O tênis girava sozinho. O aparelho, dotado de movimento rotativo, dava ao tênis uma aparência de coisa viva. Wallyson refletia justamente sobre isto. Olhou para seu tênis, meio sujo e sentiu-se culpado. “Por que não lavei esse diabo ontem, como mamãe mandou?”. Em sua casa, dentro do ônibus, na escola, o tênis não tinha aquele aspecto sujo. Mas ali, dentro daquela catedral, dentro do Templo, ele parecia mais um trapo retirado de um chiqueiro. Sentiu vergonha da sujeira de seu tênis. Neste momento, passou ao seu lado um grupo de três rapazes, mais ou menos de sua idade. Ele olhou os tênis deles. Olhou de modo bastante discreto, sem que os jovens percebessem que ele olhava. O tênis de um deles era tão branco, limpo, sem nenhum encardido, que Wallyson pensou: “este aí nunca pisou numa rua sem asfalto”.

Continuou sua caminhada. Não queria passar próximo à área de alimentação, pois os cheiros de lá são realmente ebriantes, pois o dinheiro que tinha dava somente para pagar o ônibus de volta para casa. Não teve como, pegou um



corredor, ladeado por lojas de todos os tipos, cujo destino era a praça de alimentação. Para se chegar ao outro lado do Templo, tinha que passar por ali. Sem pensar muito, meio que prendeu a respiração e caminhou muito rapidamente, quase como um velocista. Os cheiros que sentiu, apesar de todos os seus esforços o deixaram nauseado, pois já eram 17 horas e sua última refeição tinha sido um picolé de limão. No primeiro plano, o cheiro morno de sanduíches. No segundo, um cheiro de refeições mais “nutritivas” como saladas, frutas ou algo assim. No terceiro e mais distante, um cheiro de café que sedimentava todos os outros cheiros. O seu olfato aguçou seu paladar, que revolucionou seu estômago. O olfato, o paladar e o estômago foram violentamente reprimidos pelo bolso.

Como passou muito rápido pela praça de alimentação, não observou todo o movimento que estava se dando por lá. Cruzou o inferno alimentar para ir ao encontro de outras lojas, de outras vitrines com o intuito de continuar sua procissão. Já estava começando a ficar cansado, pois caminhar, ver, ver, caminhar e nada comprar com o tempo parece que vai ficando cada vez mais sem graça. Todas as pessoas, não conhecia nenhuma, pareciam sempre que o olhavam com desconfiança (ele já não sabia mais se realmente o olhavam ou se ele paranoicamente imaginava isto). O ambiente já estava perdendo seu encanto. Estava, imaginava isto, descendo do céu à terra e agora estava em queda livre para o inferno.

Seu corpo estava cansado, seu estômago o xingava a cada minuto. A cada imagem de um sorvete, a cada cheiro de sanduiche, a cada ruído de uma lata de refrigerantes sendo aberta, a cada risada daquelas pessoas com tênis branquíssimos, por que agora parecia que todo mundo tinha os tênis excessivamente, exageradamente, insuportavelmente brancos, Wallyson se contorcia. O Templo, como lugar sagrado, estava se tornando cada vez mais profano. O *glamour* estava sendo trocado por uma espécie de sofrimento que ele não sabia muito bem de onde vinha. Todo o desejo de andar por aqueles corredores ladeados de vitrines brilhantes estava se convertendo numa espécie de vergonha de se estar invadindo território alheio. Tirou seu boné da cabeça, olhou-o. Pensou de modo consternado: “de que vale isto?”.

Ano 02, numero 03, jan./jun. 2015

[14]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



Estava a se preparar para sair daquele lugar, quando de repente uma correria, um corre-corre, gritos, barulho de lojas fechando as portas estouraram por todos os lados. Começou a vir da praça de alimentação um monte de senhoras gordas com sacolas nas mãos, pais desesperados pegando seus rebentos nos colos, seguranças num vai-e-vem atarantado na direção de onde estava Wallyson. A princípio, ficou parado. Achou a cena, na verdade, meio cômica. Viu um homem muito gordo tentando correr. Estava vestindo num terno preto, azul muito escuro, não sabia ao certo. O homem gordo corria tal qual um pinguim. Num determinado momento, no auge de sua velocidade de pato, o homem gordo se desequilibrou e caiu como uma jaca espatifando-se no chão. À Queda do homem, ele não se conteve e soltou uma gargalhada de escárnio. Riu alto. A turba, contudo, vinha em sua direção. Ele não teve alternativa. Somou-se ao tumulto.

O que estava a ocorrer no Templo era uma espécie de “invasão bárbara”. Pelo menos foi assim que os jornalões na manhã seguinte descreveram o fato. No meio do corre-corre, Wallyson viu-se repentinamente nas mãos de dois policiais, que o seguravam pelo pescoço, sufocando-o. Sentiu, além da falta de ar, vários golpes que foram desferidos em seu abdômen, o que tornava a falta de ar ainda mais insuportável. Tentou desvencilhar-se das mãos dos brutamontes. Embora fosse consideravelmente grande e forte, a despeito de sua pouca idade, não teve força suficiente para livra-se dos agressores.

No meio da luta, viu seu boné novo caindo e sendo pisoteado pela multidão sem rumo. Sendo carregado como um “animal” por aqueles “homens”, sem saber por que o estavam prendendo e o espancando, sentiu já as reprovações de seu pai pela perda do recém adquirido objeto de desejo: o boné. Tentou desesperadamente dizer aos fardados que seu boné havia caído, que ele não estava fazendo nada, que não tinham por que prendê-lo. Sentiu, no meio de seus gritos, um soco poderoso a cair-lhe sobre os dentes. O gosto ferruginoso do sangue atçou-lhe o paladar. Deu um grito mudo, gemeu e chorou diante da situação. Sentiu uma profunda raiva de si mesmo por ser tão



impotente diante daquela injustiça. Não pôde, contudo, fazer nada. Calou-se. Deixou-se arrastar pelos capangas do Templo.

Pensava consigo mesmo: “meu Deus, o que foi que fiz? Por que fazem isto comigo?”. Alguém, parecendo ler seus pensamentos, disse, numa voz grave, forte, mas, sobretudo, impessoal. Dizia de uma maneira que tornava o sentimento de Wallyson com relação a tudo aquilo algo completamente insólito:

— Levem esses dois neguinhos pra viatura agora.

Wallyson estava, naquele momento, em uma sala com uma luz fraca, sem nenhuma janela, com um cheiro de mofo e coisa velha a nausear todo mundo. Junto com ele tinham mais umas oito pessoas. Ao que parece, somente ele e o outro “neguinho” eram menores de idade.

Com o pescoço doendo pelos apertões dos brutamontes, com o abdômen em frangalhos devido aos socos que levou repetidas vezes e com a boca inchada e ainda a sangrar, trazendo à sua memória o gosto insuportável do ferro sanguíneo, foi jogado, como uma coisa velha e sem importância, dentro da parte traseira da viatura policial. Jogaram o outro em cima dele. Assim como Jesus expulsou os comerciantes do Templo Sagrado sob o açoite, Wallyson fora persuadido, sob socos e pontapés, de que aquele Templo também não lhe pertencia. Com as mãos algemadas para trás, completamente desconfortável, meio que deitado e meio que sentado, quando bateram a porta por sobre os dois, ficou a observar, pela janela traseira do automóvel o enorme letreiro luminoso que dizia, com um néon brilhante e extravagante:

BEM VINDO AO TEMPLO

O MAIOR SHOPPING DA CIDADE

Lucas Maia

Aparecida de Goiânia, abril de 2015

Ano 02, numero 03, jan./jun. 2015

[16]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões

